



Contato
de
Emergência

MARY
H. K.
CHOI

intrínseca

Contato de Emergência





MARY H.K. CHOI

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES

2ª EDIÇÃO



Copyright © 2018 by Mary H. K. Choi
Ilustração de capa © 2018 by ohgigue

TÍTULO ORIGINAL
Emergency Contact

PREPARAÇÃO
Paula Di Carvalho

REVISÃO
Rayana Faria
Luiz Felipe Fonseca
Alanne Maria

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL
Brad Mead

ARTE DE CAPA
Lizzy Bromley

LETTERING ORIGINAL DA CAPA
Brian Kaspr

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C473c
2. ed.

Choi, Mary H. K.

Contato de emergência / Mary H.K. Choi ; tradução Ana
Rodrigues. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

416 p. ; 21 cm.

Tradução de: Emergency contact
ISBN 978-65-5560-493-1

1. Romance coreano. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

22-81593

CDD: 895.73
CDU: 82-31(519.5)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

PENNY.

— Me diz uma coisa, Penny...

Penny sabia que não ia gostar da pergunta que viria a seguir, fosse qual fosse. Madison Chandler aproximou o rosto do dela com um sorriso nos lábios e os olhos redondos semicerrados. Penny prendeu a respiração.

— Por que a sua mãe é assim, tão *piranha*?

A mais alta das garotas encarou intensamente a mãe de Penny, que conversava perto dali com o pai de Madison.

Penny conseguia ouvir o coração pulsar.

Possíveis reações ao ouvir Madison Chandler chamar sua mãe de piranha:

1. Socar a cara dela.
2. Socar a cara do pai pervertido, nojento e neandertal dela.
3. Ficar quieta. Chorar de raiva mais tarde na privacidade do seu quarto, ouvindo The Smiths. Você é uma verdadeira pacifista. Namastê.
4. Manifestar os dons pirotécnicos que lhe foram legados no nascimento para incendiar o shopping com o fogo de um trilhão de sóis.

Penny examinou os olhos azuis salpicados de verde da oponente. Por que aquilo estava acontecendo? E logo na Apple Store? Aquele era um espaço seguro. Um refúgio. Ela já estava quase dando o fora para sempre daquela cidade insuportável. Faltava *tão pouco*.

— Eu te fiz uma pergunta.

Madison sugou o ar por entre os dentes. Ela usava um daqueles aparelhos transparentes que não enganam ninguém.

Socar a cara dela seria terapêutico.

— Alô! Tem alguém aí?

Extremamente terapêutico.

Meu deus, quem Penny estava tentando enganar? Ela escolheria a opção 3. Sempre tinha sido a opção 3. Naquela altura do campeonato, não havia necessidade de bancar a heroína. Especialmente quando se tinha 1,55m de altura, um gancho de direita “bonitinho” e reflexos sofríveis, para dizer o mínimo.

Não tinha importância. Em quatro dias, Penny partiria para a universidade, e a opinião daquelas pessoas que só eram famosas microrregionalmente não faria mais diferença.

Bem no momento em que Madison recuou para olhar feio de outro ângulo, supostamente mais ameaçador, o funcionário da loja que estava atendendo Penny se materializou na frente dela com um novíssimo celular.

Deus materializado na forma do moço da Apple Store.

Penny segurou a caixa, que cintilava com promessas e parecia luxuosamente pesada. Olhou de relance para a área dos notebooks, onde o “Papai da Maddy”, como ele se apresentara (eca), estava ocupado lançando olhares sensuais e se jogando para cima da mãe de Penny, Celeste. Ela suspirou. Vinha insistindo para ganhar um celular novo desde o Natal, e aquele momento não estava sendo nem de longe como planejara. Penny

imaginara mais empolgação. Ou ao menos alguma ajuda para escolher uma capinha.

— Sério, que roupa de gueixa puta é essa da sua mãe?

Madison Chandler podia até ter ganhado uma bolsa Chanel de couro caviar aos catorze anos (era usada) e um Jeep Wrangler aos dezesseis, mas, minha nossa, existiam sanduíches mais inteligentes do que aquela garota.

Para começar, gueixas não são prostitutas. É um erro comum. Cometido pelos ignorantes por opção e pelos desprovidos de curiosidade intelectual. Algumas gueixas seduzem os clientes com danças e conversas arditas, como em *Memórias de uma gueixa* — um romance que Penny adorava até descobrir que foi escrito por um cara branco aleatório. Em segundo lugar, como qualquer pessoa com uma mínima capacidade de observação notaria, o quimono cobre o corpo de forma exemplar. É um parente da burca, ou talvez do xador, já que quimonos não escondem o rosto nem o cabelo.

Ainda assim, ela desejou, não pela primeira vez, que a mãe parasse de usar blusas cropped. Principalmente com legging. O resultado era quase um exame ginecológico. Penny, é claro, estava com seus trajes pretos e largos de sempre, apropriados para que ela fosse ignorada por todos a qualquer momento do dia.

— Somos coreanas — sussurrou Penny.

Madison mordeu os lábios, confusa, como se tivesse acabado de descobrir que a África não era um país.

— Gueixas são japonesas — explicou.

Se a pessoa fazia tanta questão de ser racista, deveria tentar ser um pouco menos ignorante, embora isso talvez fosse uma contradição...

O sr. Chandler gargalhou de alguma coisa dita por Celeste, que, só para constar, era gata, mas não tão engraçada assim.

— Papaizinho — gemeu Madison, aproximando-se dele.

Papaizinho? Eca.

Penny apostava que eles eram o tipo de família em que as pessoas davam selinho umas nas outras. Ela também foi até lá.

— Se quiser passar no meu escritório, eu dou uma olhada no seu portfólio — dizia o sr. Chandler.

Ele tinha pelo menos 1,95m de altura, e Penny veria os pelos de suas narinas se olhasse para cima.

— Como digo para os meus clientes, não se faz uma omelete sem quebrar alguns ovos.

Ele sorriu para Penny.

— Droga — continuou ele, tateando os bolsos com um ar experiente. — Não estou com nenhum cartão aqui, mas se você quiser...

Ele ergueu o celular e fingiu digitar algo, com um sorriso cheio de dentes.

Penny interrompeu a cena, agarrando a mãe pelo pulso.

— Mãe. Temos que ir.

• • •

Tudo no modo como a mãe interagiu com o sr. Chandler — de aliança cintilante no dedo e camisa polo rosa-shocking — enfiou Penny. Era sempre a mesma história quando se tratava de Celeste e homens. Que ingenuidade pensar que a mãe daria um tempo na paquera para dar atenção à única filha na semana antes de ela ir embora para a faculdade. Claro que não. Celeste estava ocupada demais batendo os cílios postiços para um babaca qualquer de bronzeado artificial.

Já no carro, Celeste ajustou os peitos na blusa de listras cinza e colocou o cinto de segurança. Ter uma mãe que todos achavam gostosa era um saco.

O silêncio entre as duas se tornava mais pesado e desconfortável.

Já na estrada, o gato da sorte japonês preso ao painel do carro começou a chacoalhar. Penny o encarou. Era do tamanho de um brioche, com a cabeça presa ao corpo por uma mola e os olhos inexpressivos de um personagem de desenho animado. Era uma adição recente, havia usurpado o lugar da Hello Kitty de plástico que desbotara com o sol. Celeste insistia em espalhar bugigangas por tudo que era canto. Era uma necessidade patológica. Esse hábito lembrava Penny das “Super Seis”, as idiotas riquinhas de seu colégio: Maddy e Rachel Dumas, Allie Reed e as três outras sádicas de cabelos sedosos que usavam uma tonelada de anéis e pulseiras e apareciam com uma nova capinha de celular cintilante a cada semana. Dava para saber que eram elas avançando no corredor pela barulheira que aquelas bostas de penduricalhos nas bolsas faziam. A verdade era que, se Celeste tivesse frequentado a Ranier High, seria amiga das seis.

Penny ansiava por pertencer a um grupo. Ela trocava alguns “E aí” com um monte de gente na escola, mas sua amiga mais próxima, Angie Salazar, tinha sido transferida para a Sojourner Truth High antes do segundo ano, deixando Penny socialmente à deriva. Se houvesse um alçapão abaixo do porão que levasse a um nível de completa invisibilidade, Penny teria encontrado uma forma de cair nele. Sua posição social no momento era inexistente.

O gato ainda chacoalhava. Se continuasse daquele jeito, estaria frito antes de chegarem à rodovia. Era uma bugiganga darwinista. Um animal frágil como aquele não deveria estar plantado no painel de um veículo em alta velocidade. Ainda mais um veículo em alta velocidade conduzido pela mãe dela, que não deveria ter direito de conduzir nada em todo o...

— Por que você faz isso? — explodiu Penny.

Ela queria dar um soco na janela, quebrar o vidro e tacar o gato lá fora. E provavelmente se jogar logo atrás dele. Aquele

dia deveria ter sido diferente. Penny se permitira ficar empolgada por semanas. A mãe havia tirado a tarde de folga, por isso Penny ficou chateada por ter sido deixada de lado assim que os Chandler apareceram. Não que ela fosse admitir o que a estava incomodando. Garotas solitárias e patéticas também tinham orgulho.

— O que foi? — perguntou Celeste, revirando os olhos.

A reação adolescente da mãe irritou ainda mais Penny, que quis sacudi-la até soltar suas obturações.

— Por que você precisa flertar com todo mundo o tempo todo?

Celeste era o equivalente materno de um boá de penas. Ou uma purpurina humana.

— Isso está perdendo a graça, sabe.

— De quem você está falando?

— Ah, você sabe muito bem...

— Matt Chandler?

— Isso, o “papaizinho” nojento e asqueroso da Maddy, que, por acaso, é casado!

— Eu sei que ele é casado — respondeu Celeste, bufando. — E quem disse que eu estava flertando com ele? Só fui educada, algo que você podia tentar ser às vezes também, ninguém ia morrer. Você e suas caras feias e seus olhares de deboche. Sabe como isso é constrangedor...?

— Constrangedor? *Eu?* Constrangendo *você?* — Penny fez uma pausa, indignada. — Inacreditável — continuou, cruzando os braços com exagero. — Mãe, ele é nojento, e você estava lá toda derretida daquele seu jeito sorridente, ridículo...

O gato fez um barulho, como se concordasse.

— Nojento por quê? Porque queria me dar dicas de investimento?

Penny não conseguia acreditar em como a mãe podia ser tão tapada. Estava óbvio para qualquer um que “Matt” queria dar a ela muito mais do que dicas de investimento. Caramba, até a Madison percebeu o que estava acontecendo.

— Como você consegue ser tão idiota?

Celeste abriu e fechou a boca. Uma expressão magoada tomou seu rosto. Até seus cachos pareceram murchar.

Penny nunca dissera nada tão explícita e propositalmente cruel para a mãe. Sentiu-se mal assim que as palavras saíram de sua boca — por mais que a mãe não fosse burra, com frequência era vista como, bem, meio cabeça-oca. Celeste era responsável pelas operações regionais de uma agência multinacional de produção de eventos, falava por meio de hashtags e na maioria das vezes se vestia como se estivesse a caminho do show de uma boy band. Era o jeito dela.

Penny estava sempre em seu encalço tentando protegê-la. Os homens da vizinhança a cercavam feito tubarões, sempre se adiantando para ajudá-la a alcançar prateleiras altas no supermercado ou oferecendo explicações condescendentes e não solicitadas sobre diversos tópicos. A maneira como eles a cercavam, os olhos cintilando como se esperassem alguma coisa, tirava Penny do sério. O comportamento da mãe, que invariavelmente se mostrava receptiva a tais atenções, também não ajudava.

Só um exemplo: no último Dia dos Namorados, o sr. Hemphill, o carteiro ancião delas, deu a Celeste uma caixinha comprada na farmácia com quatro bombons velhos e esbranquiçados, e o sr. Hemphill não parava de mencionar a Guerra do Vietnã, como se por acaso aquele assunto fosse do interesse delas. Era óbvio que estava obcecado por elas, e Penny não achava nada bom que *aquela* tipo de cara soubesse seu endereço. Celeste não deu ouvidos à filha.

Penny olhou pela janela do carro. Brigar com a mãe se tornara rotina. Mas ela partiria em poucos dias, e Celeste *precisava* melhorar a forma como transitava pelo mundo. E ficar longe de babacas insistentes era um começo. Penny estava exausta. De se preocupar com Celeste. De se ressentir. Os restaurantes fast-food e os postos de gasolina por que passavam depressa estavam embaçados. Penny secou as lágrimas quentes com a manga da blusa para que a mãe não visse.



Mais tarde, o namorado de Penny passou na casa dela. Não que a garota já tivesse se referido publicamente a Mark como seu “namorado”. Ele funcionava mais como um tapa-buraco para o isolamento completo depois da mudança de Angie — o que era algo bem horrível de se pensar. Em especial porque, na verdade, Mark era areia demais para o caminhãozinho dela. Ao menos considerando o aspecto físico. Isso não teria grande importância em circunstâncias normais, mas eles estavam no ensino médio. Na maior parte do tempo, Penny não conseguia acreditar que eles estavam ficando. Quando Mark demonstrou interesse por ela, Penny achou que ele tivesse algum problema ou que estivesse de sacanagem com a cara dela. Mesmo percebendo que não era o caso, sua desconfiança só aumentou com o tempo. Ela tinha noção de sua aparência, que não mudara em nada desde o primeiro ano. Olhos pequenos, nariz arrebicado e lábios gigantescos — a mãe havia jurado que eles ficariam mais proporcionais com a idade, mas isso não aconteceu. Ela e Mark *pareciam* esquisitos juntos. Sem contar que Penny já aprendera que, com frequência, os relacionamentos tinham um significado oposto ao de seu título. Era possível ter centenas de “amigos” nas redes sociais e não ter ninguém com quem se abrir de verdade. Assim como aconte-

cera com Angie (até tu, Brutus), que chamava Penny de *melhor* amiga até desaparecer por completo. E por mais que Mark se referisse a Penny como “mozão”, o que a deixava extremamente desconfortável, porque é um apelido nojento, ele *também* se referia a pizza não apenas como “mozão”, mas como “mozão *do coração*”, o que, sim, faz sentido, mas aí estava o problema: os dois pareciam gostar bem mais de pizza do que *um do outro*.

— E aí, recebeu a parada que eu te mandei?

Penny desejava do fundo do coração não ter recebido.

Sabia que parte de sua má vontade em relação a Mark se devia ao fato de ele ser o tipo de cara que Celeste escolheria para a filha. Ele tinha cabelo louro-escuro e a beleza arrumadinha de um modelo da Hollister. Não os que apareciam no outdoor, mas na foto de grupo do catálogo. Posicionado na frente, porque ele era baixo.

Mark também era um ano mais novo do que Penny, o que era providencial quando se estava meio-que-namorando-mas-não-exatamente-mas-talvez-sim, porque eles tinham horários de almoço diferentes. O grupo dele era o dos populares, por incluir caras razoavelmente conhecidos do time de futebol, embora o restante do grupo fosse de maconheiros. Mark também fumava muito, e seu cérebro parecia uma peneira, o que era uma pena. Até mesmo coisas fofas que dariam boas piadas internas entre eles eram esquecidas, como o fato de o celular dele sempre trocar “que bosta” por “que bolo”. Todas as vezes em que Penny mandava um emoji de bolo para ele no lugar de um xingamento, Mark achava que ela estava com fome.

Ele permaneceu inabalável.

Penny desviou o olhar.

— Quer beliscar alguma coisa?

Ela abriu a geladeira, pegou uma jarra de chá gelado e serviu dois copos. Era a única coisa que Celeste sabia “cozinhar”.

Penny se lembrou do primeiro dia em que Mark conversou com ela, depois do quinto tempo. A questão era que, de certa forma, Mark tinha *mesmo* um problema. Todos sabiam que ele sofria de “febre amarela”. Sua ex-namorada, Audrey, era uma vietnamita megasexy cujo pai tinha sido transferido para a Alemanha pela aeronáutica, e no ensino fundamental ele também tinha saído por um tempo com Emily, que era metade tailandesa.

— E aí?

Mark não desistiria.

— Você *recebeu* a parada?

Ele abriu um sorriso empolgado.

Penny levou o copo à boca com tanta força que bateu o vidro no dente.

— Bebê... — disse Mark.

Depois de “mozão”, Penny detestava o uso da palavra “bebê” direcionada a uma mulher adulta. Era tão normativo. Como usar uma fantasia sexy no Halloween.

Mark se sentou do outro lado da bancada da cozinha e gesticulou de forma sedutora para que ela se aproximasse. Uma mecha de cabelo caiu sobre o olho direito.

Meu Deus, que cara gato.

Ele abriu os braços, e Penny se aconchegou em seu peito.

— Podemos nos acostumar a esse tipo de comunicação — sussurrou, fazendo cócegas na orelha de Penny. — Nós dois detestamos falar no telefone, e você sabe o que dizem sobre imagens, Penny.

Ele fez uma pausa dramática, e ela não conseguiu acreditar que ele terminaria aquela frase.

— Elas valem mais do que mil palavras.

Nossa...

Penny apoiou o queixo no ombro dele. Mark tinha um cheiro bolorento. Era reconfortante, de certa forma. Ele exa-

lava com frequência um fedor de quem não lava as roupas há algum tempo. Penny considerou as opções.

Possíveis estratégias para distrair um namorado propenso a distrações:

1. Terminar com ele. Um relacionamento a distância baseado em níveis cataclísmicos de “blé” era um devorador de alma.
2. Transar com ele para mudar de assunto.
3. Cair no choro e não explicar nada.

— Sim. — Penny suspirou. — Eu recebi. — Então acrescentou, tentando soar sincera: — Obrigada.

Na verdade, “a parada” era “as paradas”, e “as paradas” eram nudes. Penny se lembrou dos pepperonis que eram os mamilos do namorado e estremeceu por dentro. Mark achava que mensagens safadinhas eram um jeito apropriado e divertido de batizar um celular novo. E Penny pensava o exato oposto.

Tudo bem, não se tratavam de nus frontais — ainda bem. Mark tinha só dezesseis anos, e a última coisa de que Penny precisava era que o FBI aparecesse em seu dormitório na faculdade acusando-a de consumir pornografia infantil. Mas as fotos estavam no limite do aceitável. Todas paravam logo acima do caminho da felicidade. Com alguns filtros diferentes. Inclusive, Penny tinha certeza de que ele editara ao menos uma delas, algo que ela simplesmente não respeitava num homem. Sabia que a resposta mais adequada e bem-humorada seria a reciprocidade. Um peito (no máximo uma sugestão de mamilo) seria suficiente. Mas ela não queria fazer isso. De jeito nenhum. Tudo o que queria era apagar as fotos, fingir que nada daquilo tinha acontecido e ir embora.

Então estaria livre. Ao menos em teoria. O estatuto para retribuição de nudes certamente não se estendia para além dos limites da cidade. Mesmo assim, Penny deveria ter considerado mudar de estado.

SAM.

Sam fazia um caminho curioso para ir e voltar do trabalho. Um único lance de escada e cerca de nove metros de corredor. Por um lado, ele tinha a vantagem de pegar zero engarrafamento. Por outro, tinha a sensação de que estava sempre no trabalho. O Café House, onde Sam era gerente, era uma instituição de Austin. Ficava numa pequena casa cinza de ar rústico, com uma varanda ao redor e um grande balanço branco na frente. Era, por ausência de melhor descrição, aconchegante, e o estabelecimento ostentava pisos de madeira que rangiam, janelas amplas, estantes embutidas e sofás surrados com poltronas que não combinavam.

O andar de cima contava com quatro quartos e dois banheiros, e parecia a casa de um acumulador excêntrico. Logo que se mudou, Sam vasculhou o lugar em busca de tesouros escondidos que pudessem valer uma fortuna em algum leilão. Mas o que encontrou era menos adequado aos programas de TV nos quais especialistas descobrem antiguidades inusitadas e mais àqueles especiais meio obscuros em que irmãos gêmeos morrem tragicamente — os dois soterrados por uma avalanche de fitas VHS —, e é encontrado na casa deles o equivalente a quarenta e seis dólares em selos, além de milhares de latas

vazias de macarrão cujos rótulos indicavam a passagem do tempo. Com exceção de um, todos os cômodos estavam entulhados de caixas de arquivos, livros, roupas e tudo o mais que Al Petridis, o proprietário do lugar, não conseguiu fazer caber na própria casa. No menor quarto, o mais distante da escada, havia um colchão no chão.

Era ali que Sam dormia.

Como se fosse um órfão. O que ele não era, embora pudesse muito bem ter sido.

Sam continuou deitado, organizando as ideias. Estava escuro lá fora. Ainda. Outra noite insone significava mais um dia difícil, mais um dia passado como se ele estivesse embaixo d'água.

Sam olhou de relance para seu iPhone. Eram 4h43 da manhã. Tinha ido dormir pouco antes das duas. Ele se lembrou da época em que seria impossível tirá-lo da cama antes do meio-dia. Ah, a juventude.

ARGH.

Pelo menos tinha café. Um café confiável, delicioso e revigorante. Ele desceu a escada.

Uma hora mais tarde, o aroma de grãos recém-moídos se misturava ao de carboidratos fritando na gordura.

— Meu Deus, Sammy. Donuts?

Al Petridis, chefe e senhorio de Sam, pairou acima dele. Era um grego enorme, vinte centímetros mais alto do que Sam e uns setenta quilos mais pesado, com braços da largura de barris. Al lembrava vagamente o Donkey Kong, mas isso não era o tipo de coisa que se dizia a outro homem. O chefe era o primeiro a comer as criações de Sam na confeitaria, as quais o benfeitor corpulento invariavelmente alegava estar “provando”. Mesmo se já houvesse comido um mesmo muffin mil vezes, diria: “Sammy, posso provar um muffin?”,

como se não soubesse com exatidão como seria a experiência. Como se houvesse alguma dúvida de que acabaria comendo tudo.

Spoiler: Al sempre acabava comendo o muffin inteiro.

Para Sam não tinha problema. Al não cobrava aluguel. Nem um centavo. Nunca. O chefe chegava a lhe pagar um pouco mais do que o salário mínimo e, por esse valor, Sam fazia doces, cozinhar, limparia e até raspava as costas do homem deixando pequenos círculos de pelos, se ele quisesse.

— Esse é de quê, nozes? — perguntou Al, enfiando o dedo grosso num doce que havia acabado de receber cobertura.

Desde criança, Sam adorava cozinhar e fazer doces, preparando pratos cada vez mais complexos, fazendo substituições de ingredientes sempre que necessário — o que acontecia com frequência, porque a mãe quase nunca ia ao mercado, e ele passava muito tempo sozinho. Aos doze anos, Sam descobriu que era possível chegar a um resultado muito convincente de comida tailandesa usando manteiga de amendoim e molho mexicano pronto — ao menos com base no paladar de um pré-adolescente texano de ascendência alemã que até então nunca havia provado comida tailandesa de verdade.

Al dera livre acesso a Sam na cozinha mais de um ano antes, desde que o rapaz entregara silenciosamente ao chefe um bolo chiffon de limão para o aniversário de sua esposa (era o favorito dela), com um post-it no topo no qual se lia: “Para a sra. Petridis.” Ela declarou que aquele era o melhor bolo que já comera e, embora o marido achasse melhor não fazer muito alarde a respeito, a sra. Petridis insistira em entregar a Sam folhetos de uma escola de culinária. No aniversário de Sam, o casal comprou uma pequena pilha de livros de receitas para ele, um gesto que comoveu tanto o rapaz a ponto de impedi-lo de fazer contato visual com Al por uma semana. Por insistência dos Petridis, Sam

obteve o certificado que lhe autorizaria a manusear alimentos e se tornou o responsável pela criação do cardápio semanal de sanduíches, sopas e saladas do café, assim como dos doces. Ele levantava às cinco da manhã para preparar tudo, enquanto Finley, seu braço direito e assistente, um mexicano magro, de pele escura, com uma enorme barba hipster e um nome escocês, chegava às oito para assumir o caixa e servir as mesas.

— Esse é de pistache — informou Sam. — Tem também de baunilha com hibisco, espresso e chocolate amargo com flor de sal.

Sam tinha visto aquela receita num blog de culinária. A autora alegava que as mulheres achavam o doce irresistível e descrevia com detalhes suas façanhas comprovando o fato.

— Quer?

Sam estendeu a bandeja, já certo da resposta.

— Sim, vou provar um pedacinho.

O pequeno círculo foi devorado pelo rosto redondo de Al com uma única bocado.

— *Namazinnn*, Sammy! — exclamou, com a boca cheia.

A sombra de Al pairou ainda mais perto, querendo degustar os outros sabores. Além da mãe de Sam, seu chefe era a única pessoa que tinha permissão para chamá-lo de Sammy.

Al inclinou a cabeça.

— E então, Sammy, tudo bem com você?

Ele também era o único a perguntar com frequência sobre seu humor.

Sam geralmente dava uma pista sobre seu humor. Na verdade, duas. Não era uma ciência exata, mas dava para se ter uma noção. Uma delas era o cabelo. Sam tinha muito cabelo. Era preto e mais comprido no topo, o que sua ex-namorada — cujo nome ele mudara para “Mentirosa” nos contatos do celular — chamava de cabelo *irresponsável*.

Se estivesse baixo e atrás da orelha, significava que Sam estava tranquilo. Se estivesse penteado para trás e cheio de pomada, era sinal de que o tempo tinha fechado. Se estivesse ondulado e desgrenhado — o que era raro —, indicava que Sam confiava plenamente em quem estivesse por perto no momento. O cabelo de Sam não andava ondulado havia algum tempo.

Naquele dia, seu cabelo estava atrás da orelha, mas também meio penteado. Com uma camada visível de pomada. Era indecifrável.

Era hora de os observadores atentos de Sam, em especial se o monitorassem em seu habitat, passarem para a próxima pista. A felicidade de Sam, de algum modo, estava atrelada ao seu desejo de fazer doces. Se, ao entrar no café, a vitrine exibisse apenas um scone solitário e frio e um trio anêmico de pães doces comprados numa padaria qualquer, era melhor manter certa distância. Nesses casos, Sam deveria ser tratado como um homem com uma cicatriz no lugar de um dos olhos e as palavras NOT TODAY, SATAN gravadas em letras garrafais em sua testa: com cautela.

Ao contrário dos pães do House, comprados na padaria Easy Tiger, os doces normalmente eram território de Sam. Se a vitrine e as prateleiras estivessem resplandecentes com bolo de café fresquinho, whoopie pies ou porções de pudim de pão e banana caramelada com cobertura de cream cheese, Sam estaria disposto a dar um beijo em quem quer que entrasse na loja. E mais, a pessoa ia gostar. Sam tinha um ótimo papo. Naquele dia, ele havia preparado uma dúzia de minitortas, os donuts e mais nada... Poderia significar qualquer coisa.

— Sim, Al. Estou ótimo.

Com cuidado, Sam molhou a frente dos donuts num prato fundo cheio de cobertura de baunilha e hibisco e depois, também com cautela, os arrumou numa grade para secarem.

Seu sorriso talvez fosse a parte mais irritante do enigma. Às vezes, nas raras ocasiões em que sorria, Sam parecia ligeiramente desequilibrado. Como se seu rosto tivesse esquecido como se fazia aquela expressão. Mas ele também não fazia cara feia. Não chegava nem a franzir a testa — seria explícito demais. Na maior parte das vezes, Sam simplesmente encarava as pessoas como se olhasse através delas.

— Tudo bem, então — disse Al.

Enquanto se afastava, o homem deu uma olhadinha para trás. Só para garantir.

Sam mergulhou outro donut na cobertura. Suas mãos eram ossudas, ágeis e com veias saltadas. Os braços, esguios, bronzeados e cobertos de tatuagens, ficariam perfeitos num presídium russo. Sam tinha muitas tatuagens. No peito todo, nas costas e panturrilhas.

Ele limpou um pouco da cobertura fúcsia com a mão esquerda e continuou a mergulhar os três donuts restantes com a direita. Ficou satisfeito com o resultado.

Alguns caras não diriam que confeitaria ou ter a habilidade de desenhar um Pikachu na espuma do cappuccino eram talentos masculinos típicos, mas Sam não era um homem comum. Ele não dava a mínima para a opinião de caras de fraternidade que se cumprimentavam com soquinhos, cheios de problemas com a própria masculinidade e sem pescoço nenhum.

Fin entrou e, na mesma hora, encarou os doces. Havia seis bandejas com quatro donuts imaculados esfriando em cada uma.

— O que é isso, edição limitada? — perguntou ele. — Vamos vender todas essas merdas em uma hora.

— Que nada, eles não estão no cardápio. São para uma pessoa — falou Sam.

Fin inalou o aroma doce.

— Você não pode cozinhar para essas garotas logo de cara, Sam. Senão cria expectativas altas demais.

Sam abriu seu sorriso vacilante.

Fin o examinou com cautela.

— Cara. Por favor.

Fin prostrou os ombros.

— Calma aí, não vai me dizer que são... Por favor, me diz que você não está saindo de novo com a babaca da Mentirosa — disse ele, levantando as mãos, indignado. — Tá, eu entendo. Ela é gata... com todo o respeito... mas da última vez em que vocês terminaram, eu não sabia se *eu* ia sobreviver.

Sam ignorou qualquer menção ao Grande Amor da Sua Vida.

— É sério, Sam, você ficou mal por um tempão — lembrou Fin. — Com fumaça de ódio radioativa saindo pelas orelhas, cara.

— Os donuts não são para ela — explicou Sam.

Fin pendurou a mochila, colocou o avental e lançou um olhar para a grade com os donuts que não saíram perfeitos.

— Posso matar esses?

Sam assentiu, e Fin engoliu um doce torto de uma só vez.

— Hummm — falou, enfiando a metade de outro na boca. — De qualquer forma, esses são bons demais para ela.

Essa é a história de Penny e Sam.

Ela tem dezoito anos e acabou de sair de casa rumo à universidade. Longe da mãe expansiva e do namorado sem graça, vai finalmente se dedicar ao sonho de ser escritora. Só não contava que essa nova vida traria também novos obstáculos: pessoas, o maior pesadelo de qualquer introvertido.

Ele, por sua vez, está perdido na vida. Em todos os níveis. Aos vinte e um anos, os poucos dólares na conta, a mãe alcoólatra e a ex-namorada complicada não o ajudam a se manter são. Só lhe resta fazer os doces mais mirabolantes para o café onde trabalha (e mora), concluir sua faculdade a distância e tentar (sem muito sucesso) não surtar.

Por um acaso do destino — também conhecido como um ataque de pânico no meio da rua —, eles passam a trocar mensagens de texto inofensivas. Mas o que começa como um simples contato de emergência salvo no celular se torna a conexão mais importante da vida deles.

Aos poucos, esses jovens introvertidos se tornam dois amigos dividindo angústias, sonhos, piadas e inspirações. Duas pessoas que quase nunca se veem, mas que estão juntas o tempo inteiro. Dois solitários que, finalmente, não estão mais sozinhos.

Com perspicácia, humor e grande sensibilidade, *Contato de emergência* traça o retrato de uma geração cujos relacionamentos se entrelaçam à evolução tecnológica. Uma história capaz de causar nos leitores o frio na barriga que só as melhores comédias românticas podem proporcionar.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/914/>